

## João Claudio Todorov: Um mestre na ciência e no afeto

*João Claudio Todorov: A master in science and affection*

 MARIA HELENA LEITE HUNZIKER<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

 hunziker@usp.br

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V18I1.12710](http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v18i1.12710)

Muitos já escreveram, ou escreverão, sobre João Claudio Todorov. Cada um que teve seu caminho cruzando com o dele agora pode lembrar o privilégio que foi conhecê-lo. No universo acadêmico, alguns foram seus alunos, outros, seus orientandos; houve aqueles que dividiram com ele o uso do laboratório, o planejamento e a execução de pesquisas, publicações e outras atividades científicas. Naturalmente surgirão relatos de parcerias em atividades acadêmicas administrativas (como na reitoria da UnB), atividades de política acadêmica (em associações de docentes, na criação de sociedades científicas e revistas), bem como na colaboração voltada ao planejamento de leis e estratégias de manejo de comportamentos sociais. Por fim, surgirão relatos de troca intelectual com diversos pesquisadores ao redor do mundo, analistas do comportamento ou outros cientistas, que fizeram parte de grande rede que por cerca de seis décadas foi o contexto no qual o João Claudio exerceu sua influência na Análise do Comportamento (AC). O leque é muito amplo e cada um poderá trazer relatos que ajudarão a traçar o perfil desse pesquisador/colega/amigo que recentemente nos deixou.

Da minha parte, estou fora de praticamente todos os cruzamentos acima sugeridos: não fui aluna, orientanda, parceira de pesquisa etc. Meu contato com ele se deu por caminhos menos óbvios, mas não menos científicos: convivemos por quase cinco décadas principalmente através de encontros regulares em reuniões/congressos científicos. Constatar isso fortalece minha antiga percepção de que a melhor parte de qualquer congresso é a que se passa fora das salas de conferência, quando ideias de pesquisa surgem em conversas descompromissadas, descobrem-se pessoas até então não sabidas, novas parcerias se formam, e assim a ciência vai sendo construída. Portanto, o meu depoimento aqui vai se concentrar principalmente nesses encontros informais e no quanto isso foi essencial para que João Claudio deixasse marcas extremamente positivas na minha trajetória acadêmica.

A primeira imagem que tenho do João Claudio está associada a uma descoberta de que o mundo científico não era aquilo que eu imaginava. Isso se deu na IV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP), em 1974, primeiro congresso científico do qual participei, ainda como aluna de graduação. Lembro de aguardar a palestra de um professor que eu desconhecia, mas que sabia ser renomado. Como eu desconhecia os rituais científicos, esperava uma certa formalidade, silêncio respeitoso e humilde frente à sabedoria de um cientista, ou seja, muita pompa e circunstância. Porém, quando ele chegou para a palestra, ouvi muitas risadas: ele vestia uma bata indiana (blusa de tecido muito fino que na época era utilizada, em situações informais, geralmente por mulheres). Aparentemente havia ali uma brincadeira, como se ele tivesse desafiado algumas pessoas que duvidavam da sua coragem de se apresentar daquela forma. Nada de pompa e circunstância, mas sim risadas! Fiquei absolutamente surpresa, ainda mais que, depois de cessadas as risadas, ouvi uma palestra proferida com todo o rigor científico que gerou muitos debates ao fim. Nesse dia comecei a perceber que seriedade profissional não se confunde com sisudez, cara fechada ou semblante de gênio.

Já como aluna de pós-graduação em Psicologia Experimental na USP, eu me tornei amiga da Tutu (Maria Lúcia Dantas Ferrara), uma das docentes desse curso. Como Tutu e João Claudio eram muito amigos, através dela me aproximei dele. Frequentávamos juntas os congressos anuais da SPRP, que tinha como marca registrada propiciar um período bastante lúdico após as atividades oficiais: naquela época, como eram poucos os participantes desse evento, era fácil que, terminadas as apresentações, quase todos se mantivessem juntos em conversas ou jantares pela cidade. João Claudio e Tutu tinham o hábito de generosamente levar com eles “seus pupilos” que podiam, assim, em pouco tempo se conhecer e quebrar o gelo dos contatos formais. Esses congressos de Ribeirão ficaram históricos: pode-se dizer que todas as pessoas que hoje são referência na AC no Brasil participavam desses encontros nos bares

e nas conversas informais que aconteciam pós palestras, muitos ainda engatinhando na ciência, mas bebendo dessa convivência com os já grandes nomes.

Alguns anos depois, houve um encontro “histórico” no *Second European Meeting on the Experimental Analysis of Behavior*, realizado em Liège (Bélgica), em 1988. Éramos apenas sete brasileiros (Figura 1), a maioria tendo ali sua primeira experiência em congresso internacional. No grupo de brasileiros destacava-se a figura do João Claudio, não apenas pela estatura (que superava a de quase todos os presentes no evento), mas pelo perceptível papel de líder de todos nós, o único que já tinha produção que atravessava fronteiras. Ele teve participação de destaque em debates junto a pesquisadores do porte de Sidman, dando-nos a certeza de que a AC brasileira estava madura o suficiente para se projetar em nível internacional. Hoje isso não é novidade, mas em 1988 foi um passo importante para esse grupo que já não era tão principiante, mas ainda tinha muito a aprender. Na cantina do campus da *Université de Liège*, onde estávamos hospedados, degustamos as excelentes cervejas belgas enquanto conhecemos pessoas que posteriormente seriam marcantes profissionalmente, tal como Armando Machado, na época aluno de mestrado (Figura 2). Terminado o congresso, cinco de nós<sup>1</sup> alugamos um carro e percorremos o trajeto entre Liège e Bruxelas, visitando algumas cidades históricas. Por falta de experiência, alugamos um carro pequeno demais para cinco pessoas e suas malas. Isso foi especialmente incômodo para o João Claudio que durante três dias teve que manter suas longas pernas encolhidas, quase batendo os joelhos no rosto, além de levar no colo uma das malas que não couberam no pequeno porta-malas. Alguns colegas de congresso riram muito ao nos verem partir em viagem como sardinhas em lata. Acabou sendo um motivo a mais para tornar essa viagem inesquecível!!

Figura 1

*“Os sete de Liège”, da esquerda para a direita: Lincoln S. Gimenes, Elenice Ferrari, Antonio Bento A. de Moraes, Maria Helena Hunziker, João Claudio Todorov, Elenice Hanna e Celso Goyos, durante o Second European Meeting on the Experimental Analysis of Behavior, realizado em Liège (Bélgica), em 1988.*



Essas ocasiões, aparentemente nada científicas, facilitavam que em meio a conversas “jogadas fora” viessem à tona assuntos de interesse de pesquisa, sugestões de procedimentos experimentais, além de uma aproximação pessoal que criava vínculos de confiança que se refletiam posteriormente em trocas acadêmicas. Nos muitos congressos que vieram, tenho para mim a lembrança da presença sempre marcante do João Claudio que, não contente por levar para debates públicos diversas pesquisas e análises de vanguarda, atuava como um incentivador ferrenho de novos talentos. Eu via um especial brilho nos olhos dele quando algum aluno principiante ousava

<sup>1</sup> Dos “sete de Liège”, apenas Elenice Hanna e Antonio Bento não participaram dessa etapa turística com modelito “lata de sardinha”.

apresentar um pôster ou uma comunicação em congresso: ele destacava tudo de positivo que havia no trabalho, sem deixar de carinhosamente apontar aspectos que poderiam ser melhorados. Dos mais experientes, ele cobrava iniciativas na direção de ampliar a abrangência da AC, dentro e fora da academia.

Figura 2

*Da esquerda para a direita: ao fundo, Lincoln Gimenes, Maria Helena Hunziker e João Claudio Todorov; à frente, Armando Machado e Orlando Lourenço (ambos de Portugal), durante o Second European Meeting on the Experimental Analysis of Behavior, realizado em Liège (Bélgica), em 1988. (arquivo pessoal)*



Nossos temas de pesquisa nunca foram os mesmos: ele sempre abraçou questões que ocupavam a via principal nas diferentes épocas (escolha e *matching law*, cultura), enquanto eu me atraía por temas “*off road*” (desamparo aprendido, variabilidade operante). Mas isso não significava falta de diálogo ou de apoio irrestrito da parte dele. E foi nas questões sobre o controle aversivo onde mais nos aproximamos, compartilhando impressões comuns sobre alguns desentendimentos a respeito desse tema. Seu texto “Quem tem medo de punição” segue a mesma linha de análise crítica que adotei há muitos anos na tentativa de rever o que se entende (ou não se entende) por controle aversivo.

Como não poderia ser diferente, a admiração, o respeito e o bem-querer que eu tinha por ele foram passados aos meus orientandos. Para eles, ter o João Claudio nas suas bancas de defesa de dissertação ou tese era motivo de orgulho e certeza de aprender algo novo, deixando sempre o gosto de “quero mais”. Além do saber, havia o afeto que se estabelecia mutuamente e que dava o colorido especial para todas essas atividades e encontros acadêmicos.

Fazendo um resumo, eu diria que pensar no João Claudio me faz sorrir. Junto a essa valorização do riso, constato que ele cunhou em mim um senso de rigor científico do qual não se pode abrir mão, de um compromisso com a formação de novos cientistas e um olhar atento para a nossa cultura, colocando a serviço de um futuro melhor o que conseguimos aprender sobre comportamento. Vendo o momento atual do Brasil, no qual ciência e educação se encontram sob constante ataque destrutivo, fica ainda mais acentuada a falta de alguém como João Claudio, que colocava seu prestígio científico a serviço da melhoria das condições de vida. Está difícil rir nesse momento de desconstrução da ciência e do Brasil, em geral. Porém, lembrando que João Claudio não era pessoa de desistir da luta, eu o imagino, com um sorriso maroto, dizendo, como Mário Quintana: “Todos esses que aí estão/ Atravancando o meu caminho,/Eles passarão.../Eu passarinho!”.

### **Declaração de conflito de interesses**

A autora declara que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

### **Direitos Autorais**

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



### **Referência**

Todorov, J. C. (2001). Quem tem medo de punição? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva*, 3(1), 37-40.

---

Artigo convidado  
Submetido em: 14/10/2021